



ELEIÇÕES NA EUROPA

Macron faz apelo por “escolha correta”

Partidos políticos iniciam negociações para o primeiro turno das eleições legislativas, antecipadas pelo presidente após a contundente vitória da ultradireita na composição do Parlamento Europeu. Imprensa francesa considera decisão arriscada

Ainda sob o impacto da contundente vitória da extrema direita entre os franceses nas eleições europeias, o presidente Emmanuel Macron fez, ontem, um apelo ao país para que faça a “escolha correta” nas urnas no fim deste mês. O excepcional desempenho do Reunião Nacional (RN), liderado pela ultradireitista Marine Le Pen, levou Macron a dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições legislativas antecipadas.

“Tenho confiança na capacidade do povo francês de fazer a escolha correta para si e para as gerações futuras”, afirmou Macron em uma mensagem publicada na rede social X (antigo Twitter). Segundo um integrante da aliança centrista no governo, o presidente francês deve conceder hoje uma entrevista coletiva para tratar do terremoto político que abalou o país no fim de semana.

Inicialmente previstas para 2027, as eleições legislativas acontecerão nos próximos dias 30 de junho e 7 de julho, em consequência do Reunião Nacional, que obteve 31,37% dos votos nas europeias, um dos melhores resultados de sua história.

A 20 dias do primeiro turno das eleições antecipadas, os partidos multiplicaram seus contatos. O RN, que venceu em 93% dos municípios franceses, anunciou que seu candidato a primeiro-ministro será o líder da lista vitoriosa nas eleições europeias, o eurodeputado Jordan Bardella, de 28 anos.

Estratégia

“Vamos implementar a política que os franceses desejam, mas vamos preparar nossa ascensão à Presidência da França (em 2027)”, afirmou Marine Le Pen à emissora TF1, reconhecendo que um governo de “coabitação” (com Macron) poderia “limitar” o alcance de suas políticas.

A vitória do último domingo confirmou a estratégia de Le Pen de estabelecer uma imagem mais moderada para a antiga Frente Nacional (FN) que ela herdou em 2018 de seu pai, Jean-Marie Le Pen, conhecido por seus comentários racistas e antisemitas. Finalista

Fotos: AFP



Marine Le Pen fortalecida para a corrida ao Palácio do Eliseu, em 2027

nas eleições presidenciais de 2017 e 2022, que ambiciona concorrer de novo daqui a três anos, a líder de ultradireita prega a defesa do poder aquisitivo, junto com os temas prediletos da extrema direita como a segurança e o controle da imigração.

Para tentar ampliar seu apoio, Le Pen se reuniu com a líder de lista nas eleições europeias do partido rival de extrema direita Reconquista!, sua sobrinha Marion Maréchal. Ao contrário das eleições europeias, de turno único e com uma lista por partido a nível nacional, os franceses escolhem os 577 deputados da Assembleia Nacional em seus respectivos distritos, em um sistema majoritário uninominal e com dois turnos.

Nero

A antecipação das legislativas dividiu a aliança no poder, liderada pelo partido de centro-direita Renascimento, de Macron. Alguns dos seus integrantes defendiam outra solução: um entendimento formal com Os Republicanos (LR, de direita), seu principal apoio parlamentar desde que perdeu a maioria em 2022. A imprensa francesa considerou a decisão de Macron uma aposta arriscada. “Assim como o imperador romano (Nero) incendiou a Roma antiga, Emmanuel



O alemão Frank-Walter Steinmeier (E), com Macron: “Nunca esqueçamos os danos causados pelo nacionalismo e pelo ódio”

Macron acendeu o fósforo que incendiará sua própria cidadela?”, questionou o editorial do jornal liberal *L'Opinion*.

Nas principais cidades francesas, milhares de pessoas se manifestaram contra a perspectiva de um governo de extrema direita. “O que aconteceu ontem (domingo) foi um choque”, reconheceu Marie, uma aposentada de 69 anos em Rennes. Diante da crise política aberta, a Bolsa de Paris abriu com queda de 2,37%, que depois se limitou a 1,35% no fechamento.

A vitória na França aconteceu no contexto do avanço da extrema direita em outros países da União Europeia (UE), como Alemanha, Áustria e Itália. Apesar disso, a coalizão governante nas

instituições comunitárias — conservadores, socialistas e liberais — conseguiu manter a maioria absoluta.

O impacto mais forte aconteceu mesmo na França e na Alemanha, onde o chefe de governo, Olaf Scholz descartou a convocação de eleições antecipadas, apesar do revés de sua coalizão de social-democratas, ecologistas e liberais.

“Nunca esqueçamos os danos causados na Europa pelo nacionalismo e pelo ódio”, alertou, ontem, o presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier. Ao lado de Macron, ele participou de uma cerimônia para relembrar o massacre de 643 pessoas pela Alemanha nazista em Oradour-sur-Glane, no sudoeste da França, em 1944.

» Temor olímpico

A prefeita de Paris, Anne Hidalgo, expressou apreensão com a antecipação de eleições legislativas às vésperas das Olimpíadas. “Pouco antes dos Jogos é muito preocupante”, disse, observando, porém, que “nada poderá arruinar” o evento. O presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI) Thomas Bach, por sua vez, mostrou-se tranquilo. “Haverá um novo governo e um novo Parlamento, e todos apoiarão os Jogos.”

GUERRA EM GAZA

Conselho de Segurança da ONU apoia cessar-fogo

Redigido e negociado pelos Estados Unidos, com pressão do governo do presidente Joe Biden, um plano de cessar-fogo na Faixa de Gaza foi aprovado, ontem, no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). A proposta de resolução, que contou com 14 votos a favor e a abstenção da Rússia, foi votada em meio a uma intensa campanha diplomática liderada por Washington para pressionar o movimento islamita palestino Hamas a aceitar um acordo com Israel.

O Hamas celebrou a iniciativa a favor da trégua. “(O movimento) Saúda a resolução do Conselho de Segurança (...) e deseja reafirmar sua disposição para cooperar com os irmãos mediadores para estabelecer negociações indiretas sobre a aplicação destes princípios”, indicou o grupo extremista em um comunicado.

O texto aprovado ontem elogia a proposta apresentada em 31 de maio por Joe Biden para um cessar-fogo e a libertação de reféns. A resolução também assegura que Israel já concordou com o plano, instando o movimento palestino Hamas a “também aceitá-lo e a ambas as partes a aplicarem plenamente seus termos, sem demora e sem condições”.

Três fases

Após oito meses de conflito, o plano tem três fases. A primeira prevê um cessar-fogo de seis semanas acompanhado de uma retirada de Israel das áreas densamente povoadas de Gaza, bem como a libertação de parte dos reféns sequestrados durante o ataque do Hamas e de prisioneiros palestinos detidos em Israel.

Na segunda etapa, haveria o “fim permanente das hostilidades”, com a saída definitiva das tropas israelenses do enclave palestino. Por último, a resolução estabelece o início de um projeto de reconstrução da Faixa de Gaza, em ruínas por conta da guerra.

“Hoje, votamos pela paz”, afirmou a embaixadora dos Estados Unidos na ONU, Linda Thomas-Greenfield, acrescentando: “Este conselho enviou uma mensagem clara ao Hamas: aceite o acordo de cessar-fogo que está sobre a mesa. Israel já aceitou este acordo, e os combates poderiam parar hoje se o Hamas fizesse o mesmo”. A Casa Branca tem sido muito criticada pelo bloqueio, nos últimos meses, de vários projetos de resolução que pediam um cessar-fogo em Gaza.

Apesar dos acenos das partes envolvidas no conflito, a implementação do acordo continua sendo uma incerteza,

AFP



Embaixadores do Reino Unido, EUA e Argélia (da esquerda para a direita) votam a favor da resolução de trégua

já que os representantes do Hamas insistem em que a proposta deve garantir o fim permanente da guerra, um pedido que Israel rejeita categoricamente.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, vem repetindo que pretende continuar o conflito até aniquilar o Hamas. As divisões políticas no país podem complicar os esforços diplomáticos dos Estados Unidos, destacam analistas. Além disso, a saída do moderado Benny Gantz do governo de

coalizão complica a situação política de Netanyahu, deixando-o ainda mais à mercê da extrema direita.

Na tentativa de impulsionar o acordo de trégua, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, voltou a Israel, após uma escala no Egito, onde se encontrou com o presidente Abdel Fatah al-Sisi. No Cairo, o chefe da diplomacia de Biden instou os países do Oriente Médio a “pressionarem o Hamas” para que aceite um cessar-fogo.

“Acredito firmemente que a maioria esmagadora (dos israelenses e palestinos) quer acreditar em um futuro em que viveriam em paz e segurança”, disse Antony Blinken. Apesar dos esforços, os mediadores do conflito — EUA, Egito e Catar — não conseguiram negociar uma nova trégua desde a que vigorou por uma semana, em novembro do ano passado, que permitiu a libertação de reféns em troca de prisioneiros palestinos detidos em Israel.